

Trump e Putin: o vínculo petroleiro

As nomeações do gabinete do Donald Trump revelam muito sobre o que está por vir. As nomeações de segurança incluem Mike Flynn e General Mattis (apelidado de cão raivoso), ambos com uma visão extremamente agressiva do Irão. No campo econômico, a nomeação de Steve Mnuchin como secretário do Tesouro e Gary Cohn como chefe do conselho de assessores econômicos. Ambos vêm diretamente da Goldman Sachs e têm um histórico ligado à nova e mais perigosa geração de especuladores financeiros.

Mas, sem dúvida, a coisa mais surpreendente foi a nomeação de Rex Tillerson como Secretário de Estado. Esta é uma das nomeações mais importantes e tem tradicionalmente recaído sobre pessoas com experiência diplomática. Esse não é o caso do Sr. Tillerson, que tinha trabalhado como CEO da Exxon, a maior empresa petrolífera do mundo. Mas, embora esse personagem não tenha experiência em diplomacia internacional, ele tem um longo caminho a percorrer no espaço de grandes projetos energéticos de alcance geoestratégico. Alguns pensam que esta trajetória no mundo do grande capital da indústria de combustíveis fósseis poderia levar o novo funcionário a um sério conflito de interesses. Mas a realidade é que a nomeação já tem a marca de uma geopolítica da administração Trump focada na expansão dos laços com o setor energético russo.

É sabido que as duas maiores empresas petrolíferas dos Estados Unidos (Exxon e Chevron) estiveram ausentes do boom da indústria de fratura hidráulica para explorar petróleo e gás de xisto nesse país. A verdade é que enquanto centenas de pequenas empresas se lançaram na aventura do fracking, por vezes com esquemas de financiamento muito frágeis, a Exxon estava muito ocupada noutros tipos de projectos de maior escala e o potencial do petróleo bruto e do gás natural na Rússia, um potencial estimado em mais de 8 mil milhões de

dólares, chamou a sua atenção no panorama mundial.

Entre 2011 e 2013, a Exxon assinou uma série de acordos com a empresa estatal russa Rosneft para explorar campos no Mar Negro e desenvolver recursos através da sua tecnologia de fratura hidráulica na Sibéria Ocidental. Além disso, e talvez mais importante ainda, a Exxon assinou contratos para perfurar nos campos mais promissores do Ártico russo, onde se encontram provavelmente os depósitos virgens remanescentes mais importantes do mundo. Nesses anos, a Exxon e a Rosneft investiram mais de 3 mil milhões de dólares num projeto cujo retorno foi estimado em muito mais do que o investimento inicial.

Em 2013, as explorações produziram frutos e um local muito rico foi descoberto no glacial Mar de Kara, a leste da ilha de New Zembla. Para a empresa petrolífera, estes projetos nas condições mais adversas do Ártico representaram a espinha dorsal da sua estratégia a longo prazo. Nesse mesmo ano, Putin premiou Rex Tillerson como membro da Ordem da Amizade, um prêmio reservado aos amigos mais leais da Rússia.

Mas em 2014 os problemas começaram. Nesse ano, a administração Obama impôs sanções económicas à Rússia em resposta aos ataques na Ucrânia e à anexação da Crimeia. Tillerson se opôs às sanções, ressaltando que tais medidas raramente funcionavam, mas a empresa não teve outra escolha senão interromper suas operações no Ártico.

Não é óbvio o que a administração Trump fará com as sanções contra a Rússia. Durante a campanha e após as eleições, o presidente eleito insinuou repetidamente que a aproximação com Putin é uma prioridade. E para o Presidente russo, uma redução significativa destas medidas punitivas é da maior importância. Nos últimos três anos, as receitas fiscais provenientes da exploração petrolífera russa têm vindo a diminuir de forma alarmante. Para travar esta erosão na sua posição fiscal, a Rússia tem de explorar os seus recursos, mesmo os mais

difíceis de aceder no Mar Ártico, bem como os campos no Mar Negro. É claro que se Washington levantar as sanções, a Exxon estaria na primeira posição para retomar as suas operações conjuntas com os seus parceiros russos, mesmo no actual cenário de preços baixos do petróleo. Para a Exxon, o investimento na Rússia é um projeto a longo prazo que lhe permite aumentar as suas reservas comprovadas a curto prazo e, assim, manter o valor das suas acções.

Muitos analistas estão preocupados com o óbvio conflito de interesses na nomeação de Tillerson. Eles se perguntam se o novo funcionário será responsável pela diplomacia do governo federal ou se ele continuará a pensar sobre as prioridades da Exxon. Seja como for, as más notícias para os ecossistemas do Ártico, as emissões de gases com efeito de estufa e o aquecimento global não deixarão de se acumular.

Original: [La Jornada](#)